ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O amor analisado a partir de I Coríntios 13 sob a perspectiva teológica e literária.

C955a

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5916
Data 26/01/00

Pontes e Lacerda (MT), novembro de 1999.

Turma-1999/2

Ex. 01

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O amor analisado a partir de I Coríntios 13 sob a perspectiva teológica e literária.

Adriana Tiago da Cruz

Ensaio Monográfico proposto pela disciplina Prática de ensino de Língua Inglesa e Literaturas do VIII semestre, para fins de conclusão do curso de licenciatura plena em letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda (MT).

Pontes e Lacerda (MT), novembro de 1999.

DEDICATÓRIA

À Deus que é digno de receber todo o louvor. Ele através do seu espírito inspirou o homem a redigir palavras de fé, ânimo, correção e discernimento para escolher qual caminho seguir. Sem a sabedoria de Deus que habita em nós não seria possível a confecção deste trabalho.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, que me capacitou nos momentos em que para mim não seria possível transpô-los. A meus pais pela força e segurança, ao Osmair e Vilmair pelas palavras de ânimos e perseverança. A Idelma que me desafiou no primeiro momento. Principalmente a professora (teacher) Lara Couto, que me orientou e me capacitou na elaboração deste trabalho o corpo docente e administrativo deste campus e de outros que por aqui passaram. A todos os colegas pela compreensão e também a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse ao "fim" de mais uma caminhada.

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

"Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!
Quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para lhe seja recompensado?
Porque dele e por ele e para ele são todas as coisas. Glória, pois, a ele eternamente. Amém".
(Rm. 11:33-36).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....02

QUADRO TEÓRICO.....03

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....14

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....48

BIBLIOGRAFIA.....51

APRESENTAÇÃO

Procuraremos neste simples trabalho fazer um breve esboço do amor. Discorreremos em poucas palavras sobre o sentido original do amor: o amor de Deus para com o homem, e conseqüentemente o amor que o homem deve nutrir por Deus e para com o próximo. "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e do toda a tua força". (Dt. 6:5). "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". (Mt. 22:39).

Serão mencionados os principais tipos de amor: ágape, philos e eros. Maior ênfase será dada à primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, especificamente o capítulo 13, considerado, na literatura bíblica, o hino do amor, onde Paulo descreve o grande princípio de toda a conduta cristã.

QUADRO TEÓRICO

Platão procurou levar o amor espiritual acima do físico, erõs, para ele , era o esforço em prol da retidão, do autodomínio e da sabedoria; é a concretização do bem, o modo de se atingir a imortalidade (Symp.200,206; Phaedr. 237 e segs.;242.) . Em Aristóteles (Met.12, 7p, 1072ª 27-28) o conceito se desenvolveu ainda mais nesta direção, e em Plotino (205-c. de 269 d.C.) domina a aspiração mística para com a união espiritual com o transcendental (Enneads 5,5,8,;6,8,15). Na era cristã primitiva gnõsis (- conhecimento) achou seu lugar nesta abordagem, dando suas diretrizes especiais ao desejo humano pela auto-transcendência .

Não está clara a etimologia de agapaõ e ágape. O vb. agapaõ aparece freqüentemente na literatura gr. de Homero em diante, mas o subs. agape é uma construção que só aparece no Gr. posterior. Foi achada uma só referência fora da Bíblia: ali, a deusa Ísis recebe o título de ágape (p.Oxy. 1380,109;século II d.C.).

agapaõ é freqüentemente uma palavra descolorida em Grego, e aparece com freqüência como alternativa para, ou sinônimo com, eraõ e phileõ, com o significado de "gostar de" "tratar com respeito", estar contente com" , e "dar boas-vindas". Quando, em raras ocasiões, se refere a alguém que foi favorecido por um deus (cf. Dio. Cris.,Orationes 33, 21) , fica claro que diferentemente de eraõ, não se refere ao anseio humano por posses ou valores, mas, sim, uma iniciativa generosa de uma pessoa por amor à outra. Tal fato se expressa sobretudo no modo que se emprega agapetos, mormente a respeito de uma criança, mas especialmente quando se trata de um filho único ao qual se dá o amor dos pais.

AT Na LXX agapaõ se emprega , de preferência, para traduzir o verbo heb. 'ãhêb. O subd. agape acha aqui a sua origem, ao representar o Heb.'ahªbâh O vb. ocorre muito mais freqüentemente do que o subs. 'ahêb pode se referir tanto a pessoas como a coisas, e denota, em primeiro lugar, o relacionamento de seres humanos entre si, e, em segundo lugar, o relacionamento entre Deus e o homem.

O amor e o ódio representam para a sensibilidade oriental duas atitudes polarizadas básicas à vida. O fenômeno do amor na AT se experimenta como força espontânea que impele a uma coisa ou pessoa em contraste consigo mesmo. O amor significa o impulso vital dos sexos entre si. Os profetas Osésias (3:1;4:8), Jeremias (2:25) e

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Ezequiel (16:37) não sentiam vergonha alguma em falarem do lado sexual do amor. A percepção poderosa da diferenciação dos sexos e do amor conjugal como um dom enriquecedor não somente se deriva das narrativas da criação (Gn. 2:18ss.), mas ainda mais de Cantares, que celebra a força do amor apaixonado. "O amor é forte como a morte, e duro como a sepultura o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, são veementes labaredas" (Ct. 8:6).

Além do relacionamento entre os sexos, no entanto, o relacionamento de sangue com pai e mãe, e o vínculo espiritual entre amigos também pode ser amor. (Não é possível em Hebráico distinguir entre eraõ e agapaõ).

Num sentido adicional, deve-se entender que amor está na raiz da vida social comunitária: "amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Lv. 19:18; - irmão, art. plêsion - mandamento; - Lei, art. nomos). O "amor", neste contexto, significa a devoção para com o próximo por a ele, aceitando-o como irmão e deixando-o chegar à plenitude da vida. Este aspecto se ilustra na legislação que se ocupa especialmente com os direitos dos forasteiros (Lv. 19:34 - Estrangeiro), dos - pobres (Lv. 25:35) e dos - órfãos.

A palavra "amor" se usa menos comumente, e com maior cautela, para descrever o relacionamento entre Deus e o homem. Quanto a este assunto, o AT se contrasta com a literatura gr. Ao ficar muito removido de qualquer modo místico de pensar. No AT, o homem nunca pode subir para Deus: no modo gr. de entender Eros, ele pode. Ë porque a totalidade do pensamento, sentimento, ação e adoração humanas são uma resposta a um movimento anterior da parte de Deus, que a LXX prefere a palavra mais simples ágape a palavra eròs que é mais carregada com sentidos. A direção completamente diferente do pensamento torna facilmente compreensível esta substituição.

No começo do AT há não somente o Deus que ama, como também o Deus que elege, e o Deus que cria fatos mediante a sua ação direta na natureza e com os homens em particular, com seu povo, com o qual fez uma - aliança (Ex 24). Os grandes atos de Javé são os atos da sua historia com o seu povo, tal como o Êxodo, e a dádiva da terra e da Tora. A justiça, fidelidade, amor e graça são alguns dos conceitos que se concretizam em tais ações. O povo, por sua vez, responde com jubilo, louvor e obediência.

O julgamento e a graça (hesed) de Deus permeiam a totalidade do AT. Não é uma das características de Deus que se descreve: é sempre a atividade total que se baseia na sua vontade soberana. Deus permanece fiel a sua aliança, a despeito dos relapsos freqüentes de - Israel, que atrai a ira de Deus contra este povo. O único motivo para esta fidelidade se acha no seu amor e graça que elegem (e.g. Os 11:1). As declarações acerca

desta devoção de Deus ao seu povo atingem o nível do amor que sofre, conforme o predicado que Is 53 atribui ao Servo de Deus. Segundo Oséias, a divindade de Deus não se expressa em poder destrutivo. Mas em amor terno e compassivo, que precede qualquer amor humano responsivo, e que sofre por causa da infidelidade do se povo (6:4), e não o entrega a ruína final.

No judaísmo helenístico e rabínico, ágape ficou sendo o conceito central para descrever o relacionamento de Deus com o homem, e vice-versa. A despeito de matizes místicos que se derivavam da Grécia e do Oriente, a palavra ainda mantinha suas implicações básicas do AT. Deus ama ao seu povo no meio de toda aflição que este se encontra. A Torá é uma prova do seu amor: o fiel corresponde ao amor de Deus á medida em que obedece aos mandamentos, imita a compaixão zelosa de Deus, e permanece leal a Deus, ate a ponto do martírio (4 Mac. 13:24;15:3). Amar ao próximo é o – mandamento supremo para o judeu piedoso.

Na tradição sinótica, a ênfase principal cai sobre a pregação do – reino de Deus e do novo modo de vida que vem entrando juntamente com o próprio Jesus. Deus envia seu filho amado (em Mateus e Marcos no agapetos),a quem escutar é ser salvo (Mc 1:11 par. Mat 3:17; cf, Lc 3:22; Mc 9:7 par.,Mt 17:5; cf. Lc 9:35; cf.Sl 2:7; Is 42:1; Gn 22:1 e segs.).Lucas tem agapetos como v. l. na parábola em Lc 20:13, como também Mc12:6 (mas não Mt 21:38). Agapetos também figura na interpretação cristológica de Is 42:1 em Mt 12;18. Mesmo assim, ágape quase nunca se emprega para expressar o motivo por de trás desta pregação. Pelo contrario, outras figuras e parábolas tomam seu lugar (e.g. oiktirmon, "misericordioso", "compassivo", Lc 6:36; eleos, "misericórdia", "compaixão", Lc 1:50 e segs.; eleeõ, "ter misericórdia ou compaixão"; Mt 18:33). A atividade de Jesus entre os homens, portanto, revela a misericórdia e o amor de Deus: o próprio Jesus é aquele que verdadeiramente ama, e toma para si os pobres, os doentes e os pecadores.

A palavra ágape não se acha na narrativa a Paixão, tampouco. Mesmo assim, o conceito subjacente de misecórdia e amor como de redenção a ser adotado por Deus, está claramente presente no pano d fundo. Pode ser visto na expressão hyper pollõn ("em prol de muitos") na narrativa da – Última Ceia (Mc 14:24; Mt 26:28; cf. também Mc 10:45) e no paradidonai ("trair","entregar") Jesus à morte (Mt 26:45; Mc 14:41).

O Sermão do Monte se entende melhor quando se considera as Bem-aventuradas , em primeira instância, como sendo declarações por Jesus de Si mesmo (Mt 5:3-11; cf.Lc 6:20 e segs., - Benção, art. Makarios). Jesus é o primeiro que cumpre as exigências radicais do discípulo,

cumprindo, assim, a lei. O mandamento do amor aos inimigos (Mt 5:44; cf. Lc6:27), a palavra de perdão da -cruz (Lc 23:43), - tudo se encaixa no mesmo padrão.

Nos Sinóticos, o amor a Deus se baseia em dois – mandamentos (Mt 22:34-40 par. Mc 12:28-34; cf. Lc. 10:25-28). Aqui, também, mediante a misericórdia de Deus, cresce a nova realidade do amor que se revela no ministério de Jesus. Seus seguidores entram neste amor, e o compartilham, sendo que assim cumprem as exigências do Sermão do Monte. O discipulado (-Discípulo), no entanto, também inclui o – sofrimento; e quando um discípulo de fato sofre, é reconhecido pr Deus (Mt 10:37 e segs.; 25:31 e segs.; Lc 6:22 e segs.). Esta exigência indica o sofrimento que o maior tem que enfrentar; não pode ser bem-sucedido neste mundo a ano ser pelo caminho do sofrimento. Se o amor custou a Deus o que lhe era mais caro, o mesmo certamente se aplicara ao discípulo.

Esta abordagem providencia uma interpretação diferente para o amor ao próximo ou ao irmão, interpretação esta que nem os rabinos nem os gregos conheciam. É o amor de Deus, que cria novas realidades entre a humanidade, e que é, por si mesmo, a base e a motivação para o amor entre as pessoas. Pode-se citar aqui, outra vez, o mandamento a amar. A combinação de Dt 6:5 e Lv 19:18 aparece somente em Mc 12:28 par. (sobre isto – Mandamento; - Irmão; art. Plesion; - Lei, art. Nomos). A Segunda metade, o amor ao próximo, também é citado em Rm 13:9; Gl 5:14; Tg 2:8. Os rabinos também ressaltam estes dois mandamentos: Rabino Akiba diz que o mandamento quanto ao amor ao próximo é um princípio da Torá, que abrange todos os demais (cf. SB I 900-8 sobre Mt 22:36 e segs.). Mesmo assim, o sumario e substanciacao do mandamento, no amor de Deus, é um discernimento que é peculiar do NT. Além disto, Jesus ultrapassou de modo decisivo as barreiras da tradição judaica, mediante o mandamento radical que exige amor aos inimigos (Mt 5:43-48 par. Lc.6:27-28; 32:36). É verdade que o amor generalizado às pessoas, e até a todas as criaturas, já tinha sido aceito como axiomático. Mesmo assim, a natureza radical e lacônica da frase – os inimigos devem ser amados – é bem estranha ao ensinamento rabínico (cf. SB I 553-68). Jesus, o Filho de Deus, ama aqueles que O crucificaram; foi para eles que morreu. A interpretação que Jesus deu a este mandamento na parábola do Bom Samaritano implicitamente estende o amor para incluir a todas as pessoas (Lc. 10:37; cf. 7:47).

Paulo fica inteiramente dentro da linha da tradição do AT quando fala do amor de Deus. Para ele, ágape é o amor que elege, conforme indica seu emprego de agapetos, "o escolhido". Paulo emprega comumente este adjetivo, que está

totalmente ausente de João, como também o vb. Kaleõ (-chamar). Rm. 9:13 ss. E 11:28, em particular, mostram como o pensamento de Paulo se vincula com a tradição israelita da eleição . Os kletoi ("chamados") são os agapetoi ("amados") (Rm. 1:7; Cl.3:12). Como no AT, o motivo da eleição é o amor de Deus, que também pode ser chamado eleos ou eleçõ (- Misericórdia). (A LXX- traduz a raiz rhm às vezes por eleõ, e às vezes por agapao). Este amor ficou sendo uma atividade reveledora de Jesus Cristo (Rm 5:8; 8:35 e segs.) O circulo de – culpa, - ira e – julgamento fica totalmente rompido, pois, em Jesus Cristo, Deus apareceu como amor. Na realidade, este amor vem a ser o predicado do próprio Jesus (e.g. Gl. 2:20; 2Ts 2:13; Ef. %:2). O conceito contrastante em Paulo é orge, - ira. Os homens que estão sob a lei se acham no caminho direto que leva para o julgamento irado de Deus; deste destino Deus, no Seu amor que elege, salva os que crêem (1Ts. 1:10). Ora, se a atuação de Deus pode ser definida como sendo amor (em 2 Co 13:11 Deus e Seu amor se referem como sinônimos), então o grande cântico do amor em 1 Co. cap. 13 pode se entender não meramente um capitulo da ética , mas como descrição da totalidade da atividade de Deus. No lugar da palavra "amor" podemos colocar o nome de Jesus Cristo (cf. K. Barth, CD I 2, 379). Não se procura dizer com isto que Deus fica sendo o "bom Senhor" que deixa passar tudo; pois ainda há a possibilidade da descrença, e ainda há o julgamento vindouro. Mesmo assim, a justiça é realizada pelo fato de que o Filho amado toma o lugar dos injustos (cf. 2 Co. 5:18 e segs.).

O amor eleitor de Deus também está no pano de fundo de Ef. 5:22 e segs., onde o relacionamento entre o homem e a mulher se compara com o amor de Cristo à igreja. Aqui há dois pontos de contato. De um lado, há eleição de – Israel (cf. Rm 9) ; a igreja é o corpo que foi chamado para fora do mundo, é o novo Israel que, mediante a fé, veio a Cristo. Há, do outro lado, a figura veterotestamentária do casamento, que data desde o tempo de Oséias, com a implicação de um relacionamento de fidelidade e de amor da aliança. O que é verdade para a comunidade cristã, também é verdade para o individuo, como também para o casamento. O amor de Deus é poderoso para vencer todo tipo de dificuldade e infidelidade. O amor eleito é, ao mesmo tempo, amor compassivo e amor perdoador.

A certeza da salvação vem através de saber que a atividade amorosa de Deus, da qual a ressurreição é o selo final. É mais poderosa do que qualquer outro poder, inclusive até a – morte (Rm 8:37; 1 Cor 15:55 e segs.). A ressurreição é o ato coroador do amor de Deus. Nela, demonstra-se a vitória sobre estas forças (cf. 2 Co. 5:19 e segs.; sobre katallage-Reconciliação).

Um crente é um pecador que é amado por Deus. Quando reconhece este fato, entra na esfera do amor de Deus. Ele mesmo se torna amoroso. Logo, em Paulo também, o amor a deus e o amor ao próximo se derivam do próprio amor de Deus.

É este amor de Deus, derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que é a forca motriz dos crentes (Rm 5:5; 15:30). Paulo descreve a resposta do homem ao ato salvifico de Deus, mormente, como sendo pistis (-"fé") ou gnosis (-"conhecimento"), mas, freqüentemente, também como sendo agape (cf. Ef. 3:19; 1 Co. 8:3). Mediante o Espírito, conhecer a Deus e ser conhecido por Ele a mesma coisa. O mesmo se aplica ao ser amado por Deus, e ao amar a Ele (Gl 4:9). Aqueles que são conhecidos por Deus, o conhecem . Da mesma forma com ágape, a fé que se reconhece amada (Rm. 8:37) é ativa no amor (Gl.5:6; 1 Ts. 3:6). Assim, pode-se dizer que o amor é fruto do Espírito (Gl 5:22); na realidade, a fé e o amor freqüentemente se mencionam lada a lado(e.g. 1 Ts. 1:3; 3:6; 5:8; Ef. 6:23; 1Tm 1:14).

Paulo, portanto, caracteriza o amor pelo próximo como sendo amor pelo – irmão na fé (Gl 5:6). 1Co. 13 resume tudo quanto se pode dizer neste ponto. Ali, ágape sempre é tanto o amor de Deus quanto o amor do homem. O amor se destaca todo o poder e autoridade, e introduz a totalidade. ([Ed.] Num estudo da frasetria tauta, "estas três coisas", e meizõn toutõn he ágape,, "mas [a] maior destas coisas [é] o amor", R. P. Martín pergunta: "Não pode ser, portanto, que este capitulo tremendo termine na nota de um clímax inesperado, como se Paulo dissesse: Por mais excelente que sejam os aspectos desta tríade bem-conhecida, sendo o amor o traço que continua a se destacar, há coisas ainda maior, o amor de Deus expresso mediante Jesus Cristo nosso Senhor?"["A suggested Exegesis of 1 Corinthians 13:13", ExpT 82, 1970-71, 120].). prophetia "profecia", e pistis, "fé"(v.2), elpis, "esperança"(v.7) e gnosis, "conhecimento"(v.8), se subordinam a ele, mas não como graduações de importância minguante; pelo contrário, são como pecas componentes daquela única força poderosa que permeia e anima tudo. No contexto de 1 Coríntios, o amor é o maior dos dons do Espírito, por mais facilmente que Paulo coloque pneuma – Espírito e ágape lada a lado noutros trechos (Gl 5:13-22; 1 Co 14:1). 1 Coríntios também torna claro que o amor é a força que conserva unida uma comunidade cristã, e a edifica. Sem o amor, não é possível a – comunhão, nem a vida em conjunto (1 Co 14: 1; 16:14; Ef.1:15; 3:17 e segs.). O soma Christou, "corpo de Cristo", é edificado no amor (1 Co 8:1; 2Ts.1:3; Fp.2:1-2; Ef. 4:16; Cl2:2). Quando Paulo oferece à igreja o exemplo do seu próprio amor, chama-a de volta para sua comunhão no amor de Deus (2 Co 2:4; 8:7).

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Paulo, outrossim, retoma o mandamento do AT e de Jesus quanto ao amar (Rm. 13:8ss.; Gl 5:14), colocando desta maneira ágape lado a lado com pistis, e em contrastes com nomos (-Lei.) A lei foi cumprida, porque Jesus é amor e morreu em prol dos pecadores. À medida, por tanto, em que os cristãos se amam eles também cumprem a Lei, não no sentido de atingirem qualquer perfeição, mas porque agora estão vivendo na nova realidade de Deus através do poder fortalecedor do – perdão. Ágape é um reflexo daquilo que ainda há de vir[1] *(I Coríntios 13:9, 12,13).*

A primeira epístola aos Coríntios é um dos escritos clássicos de Paulo; acima de tudo ela preserva para nós não tanto a doutrina cristã, e, sem, o padrão da ética cristã. Neste livro encontramos os problemas enfrentados pelos primeiros cristãos gentios, e como Paulo deu solução a esses problemas. As epístolas aos Romanos e outras revelam com aptidão a elevada mente de Paulo; mas nenhuma delas revela mais claramente do que I Co. aquilo que os psicólogos modernos gostam de chamar de "situação de vida real"; questões relativas à conduta, questões morais da mais séria natureza.

A autenticidade da autoria paulina por diversos dos pais da igreja dos primeiros anos, a saber: Clemente de Roma (Ep., cap. 47), Policarpo (Ep. aos Filipenses, cap. 11), Inácio (aos Efésios, cap. 2) e Irineu (contra os Heréticos, iv. 27,3). Por semelhante modo fizeram Hermas (100 d. C.; SIM. 5,7) e Barnabé (que fez alusões a I Co. 3:16, em sua ep. 6:16). O lugar de I Co. no Cânon dos livros sagrados é tão antigo como o de qualquer das demais epístolas paulinas, fazendo parte integrante das primeiras coletâneas de escritos paulinos, segundo eram conhecidas pelos pais da igreja desde o ano 150 d. C. Seu lugar no "Cânon", por conseguinte, é tão antigo como qualquer dos livros do NT, visto que algumas, ou quase todas as epístolas de Paulo foram escritas

[1] BROWN, Colin. O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento. Vol. 01. São Paulo. _ Ed. Vida Nova, 1983. pp. 194-200.

antes de qualquer dos quatro evangelhos, com a única exceção do evangelho de Marcos. Quando foi preparado o primeiro "Cânon" dos livros do NT, a primeira epístola aos Coríntios já encontrava .

De maneira geral, pode-se asseverar que a primeira epístola aos Coríntios não é essencialmente uma epístola doutrinária, à semelhança de Romanos e Gálatas, ainda que sejam discutidas certas questões doutrinárias importantes, sobre tudo aquilo que diz respeito à prática do governo da igreja. Seus temas, entretanto, são essencialmente éticos e práticos; e por causa dos muitos problemas a cerca dos quais o apóstolo escreveu, no intuito de corrigi-los, encontramos a mais completa declaração ética da fé cristã, em todo o NT. Em contraste com a epístola aos Romanos, por exemplo; nessa primeira epístola aos Coríntios não abordamos as relações entre o Cristianismo e o Judaísmo, sobre como esses dois sistemas religiosos podem ser harmonizados entre si, mas antes, lemos como a igreja cristã pode entrar em um ambiente pagão, prosperando e permanecendo pura.

Ora isso é particularmente importante para nossa época, porquanto não existe nenhum problema mais agudo no cristianismo atual do que esse. A maioria dos problemas que os crentes de Corinto tiveram de enfrentar so os mesmos comuns à experiência cristã, hoje em dia não havendo razão alguma para supormos que as soluções propostas pelo apóstolo Paulo não sejam igualmente válidas para os nossos próprios dias, tais como foram para os endereçados originais dessa epístola Canônica.

Nessa epístola não há qualquer tentativa para apresentar qualquer exposição sistemática do evangelho cristão, em sua natureza e conteúdo, a menos que a primeira porção do décimo quinto capítulo seja considerada como tal; antes, por toda a parte há elementos do evangelho cristão, os quais, considerados em seu conjunto, nos fornece

uma informação suficiente sobre o assunto. Podem se alinhar as seguintes razões para isso:

Cristo é o centro da mensagem da epístola, do principio ao fim (ver I Cor. :3).

A. Cristo é o alvo final da criação (I Cor. 8:6).

B. Cristo é o alvo supremo da vida (I Cor. 15:28).

C. Cristo é o verdadeiro Deus (I Cor. 8:4-6).

D. Cristo é o poder que sustenta a natureza (I Cor. 3:6).

E. Cristo é quem ordena providencialmente os acontecimentos entre os homens (I Cor.4:9; 7:7 e 12:6).

F. Os homens jamais conheceram a Deus por sua própria sabedoria, mas podem vir a conhecê-lo por meio de Cristo, a própria Sabedoria de Deus (I Cor.1:21).

G. É Deus que se achega aos homens, em busca deles, e não ao contrário (I Cor. 1:27).

H. Aqueles que se achegam a Deus, recebem a revelação de seus mistérios, por intermédio do Espírito Santo (I Cor. 2:10 e 4:1)

I. A vida eterna, por meio da ressurreição, nos é dada por meio de Cristo (I Cor. 15:15).

J. Cristo é o Juiz Supremo, e espera a observância dos seus mandamentos (I Cor. 4:5; 5:13 e 7:19).

K. Vários aspectos da redenção nos são oferecidos: Cristo é a rocha, o sustentador, o supridor das necessidades espirituais (I Cor. 8:16 e 10:4); os poderes das trevas têm sido derrotados por meio da sua morte e ressurreição (I Cor. 2:6); a morte de Cristo significa a nossa redenção da

servidão (I Cor. 6:20 e 7:23); os crentes fazem parte do corpo místico de Cristo (I Cor. 6:15 e 12:12). A ressurreição (o que provavelmente inclui as idéias da ascensão e glorificação de Cristo, o que é comum nas páginas do NT) garante a verdadeira vida eterna para os crentes, e o décimo quinto capítulo desta epístola é a mais completa declaração que possuímos sobre esse tema.

Os homens geralmente encontram grande dificuldade para amar a Cristo e a Deus Pai, para eles a pessoa de Deus lhes parece um conceito teológico distante. Todos os homens podem amar a seus semelhantes, e assim ao fazê-lo amam a Cristo e a Deus Pai. Essa condição começa a conduzir a alma em sua ascensão mística, para que ela possa amar a Deus mais diretamente.

O amor é o grande princípio cristão de toda ação, ultrapassando a todos os muitos sistemas éticos que têm se esquecido do amor, ou que têm menosprezado a sua importância. O amor cristão brilha muito acima da idéia da mutualidade, postulada pelo pragmatismo; pois o amor cristão exige que se ame até mesmo aos nossos inimigos, o que não é a experiência da mera mutualidade.

> *O amor é a vereda que nos conduz ao verdadeiro conhecimento (em contraste com a sabedoria mundana de que se ufanavam os Coríntios). Esse é o caminho pelo qual se derrotam as facções. Essa é maneira de ser vencida a imoralidade. E também essa é a solução para a questão da liberdade cristã.*
>
> *O amor é o nosso Senhor – suprindo bondade e banindo a maldade; oferecendo amizade e perdoando a inimizade; alegria do bondoso, a maravilha do sábio (...) desejado por aqueles que não o possuem, e preciso para aqueles que desfrutam de sua melhor parte... Em cada palavra, trabalho, desejo, temor, ele é o piloto, o camarada, o ajudador, o salvador; ...o melhor e mais brilhante orientador; em cujo passos deve seguir todo homem e entoar docemente em sua honra aquele cântico suave com que o amor encontra... ele é o mediador, que transpões o abismo que os divide; e nele tudo se*

resume... Através do amor todas as relações e toda a linguagem, ...quer despertos quer no sono, são levadas a efeito. A sabedoria que compreende isso é espiritual. (Platão, Banquete, 197,202,203).

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A Bíblia é um livro milenar cujos relatos remontam aos primórdios da criação como um todo, a terra, o homem, a natureza, a vida enfim.

A partir de evidências internas, concluímos que seus textos originais foram escritos por homens da antigüidade movidos pelo Espírito Santo (II Tm 3:16;II Pe 1:20,21). E estes manuscritos originais são às vezes chamados "autógrafos".

Segundo a arqueologia os Sumérios, os Egípcios e os Babilônios, já escreviam 4000 ac. Isso refuta os Céticos e leigos em sua declaração de que Moisés não poderia ter escrito o pentateuco (5 primeiros livros da Bíblia).

visto que naquela época ainda não existia papel, diversos materiais como: a pedra, a argila, a madeira, o couro, o papiro e o velino (pergaminho) foram usados para que a Bíblia chegasse até nossos dias:

- Materiais antigos de escrita

1) - PEDRA
Muitas inscrições famosas encontradas no Egito e Babilônia foram escritas em pedra. Deus deu a Moisés os Dez Mandamento escritos em tábuas de pedra (Êx 31:18, 34:1,28). Dois outros exemplos são a Pedra Moabita (850 A.C) e a Inscrição de Siloé, encontrada no túnel de Ezequias, junto ao tanque de Siloé (700 A.C).

2) - ARGILA
O material de escrita predominante na Assíria e Balônia era a argila, preparada em pequenos tabletes e impressa com símbolos em forma de cunha chamados de escrita cuneiforme, e depois assada em um forno ou seca ao sol. Milhares desse tabletes foram encontrados pelas pás dos arqueólogos.

3 - MADEIRA
Tábuas de madeira foram bastante usadas pelos

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

antigos para escrever. Durante muitos séculos a madeira foi a superfície comum para escrever entre os gregos. Alguns acreditam que este tipo de material de escrita é mencionado em Isaías 30:8 e Habacuque 2:2.

4 - COURO
Talmude judeu exigia especificamente que as Escrituras fossem copiadas sobre peles de animais, sobre couro. É praticamente certo, então, que o Antigo Testamento foi escrito em couro. Eram feitos rolos, costurando juntas as peles que mediam de alguns metros a 30 perpendiculares ao rolo. Os rolos, entre 26 e 70cm de altura, eram enrolados em um ou dois pedaços de pau.

5 - PAPIRO
É quase certo que o Novo Testamento foi escrito sobre papiro, por ser este o material de escrita mais importante na época. O papiro é feito cortando-se em tiras seções delgadas de cana de papiro, empapando-as em vários banhos de água, e depois sobrepondo-as umas às outras para formar folhas. Uma camada de tiras era colocada por sobre a primeira, e depois as punham numa prensa, a fim de aderirem uma às outras. As folhas tinham de 15 a 38 cm de altura e 8 a 23 cm de largura. Rolos de qualquer comprimento eram preparados colocando juntas as folhas . Geralmente mediam cerca de 10m de comprimento.

6 - VELINO OU PERGAMINHO
Velino começou a predominar mediante os esforços do rei Eumenes ll, de pérgamo (197-158 A.C). Ele procurou formar sua biblioteca, mas o rei do Egito cortou o seu suprimento de papiro, sendo-lhe então necessário obter um novo processo para o tratamento de peles. O resultado é conhecido como velino ou pergaminho. Embora os termos sejam usados intercambiavelmente, o velino era preparado originalmente com a pele de bezerros e antílopes, enquanto o pergaminho era de pele de ovelhas e cabras. Obtinha-se assim um couro de excelente qualidade, preparado especial e cuidadosamente para receber escrita de ambos os lados. Este tipo de material foi utilizado centenas de anos antes de Cristo e, por volta do século IV A.D., ele suplantou o papiro. Quase todos os manuscritos conhecidos são em velino.

Os idiomas usados foram o Hebraico, o Aramaico e o Grego. Idiomas usados:

1) - HEBRAICO
Quase todos os 39 livros do Antigo Testamento foram escritos em hebraico. As letras tipo bloco eram escritas em maiúsculas, sem vogais, sem espaços entre palavras, frases ou parágrafos, e sem pontuação. Os pontos das vogais foram acrescentados mais tarde (entre 500 e 600 A.D.)

pelos eruditos massoretas. O hebraico é conhecido como um dos idiomas semíticos.

2) - ARAMAICO
Um idioma aparentado com o hebraico, o aramaico tornou-se a língua comum na Palestina depois do cativeiro babilônico (c.500 A.C.) Algumas partes do antigo Testamento foram escritas nesse idioma: uma palavra designando nome de lugar em Gênesis 31:47; um versículo em Jeremias 10:11; cerca de seis capítulos no livro de Daniel (2:4b - 7:28); e vários capítulos em Esdras (4:8-6:18; 7:12-26).
Aramaico continuou sendo o vernáculo da Palestina durante vários séculos. Temos assim algumas palavras aramaicas preservadas para nós no Novo Testamento: Talitha Cumi ("Menina, levanta-te"), em Marcos 5:41; Ephphatha ("Abre-te"), em Marcos 7:34; Eli, Eli lama sabachthani ("Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?), em Mateus 27:46. Jesus se dirigia habitualmente a Deus como Abba (aramaico "Pai"). Note a influência disto em Romanos 8:15 e Gálatas 4:6. Outra frase comum dos primeiros cristãos era Maranatha ("Vem, nosso Senhor"), em 1Coríntios 16:22.

3) - GREGO
Apesar de Jesus falar aramaico, o Novo Testamento foi escrito em grego - grego Koinê. A mão de Deus pode ser vista nisto, porque o grego era o idioma internacional do século I, tornando assim possível a divulgação do evangelho através de todo o mundo então conhecido[2].

Paulo é o nome romano de Saul de Tarso, que pela primeira vez se lê em (atos 13:9). Várias inscrições mostram que Paulo era, nesse tempo, um nome comum na Síria, e no oriente da Ásia Menor.

O nascimento e família do futuro apóstolo habilitaram-no a chamar-se a si próprio "hebreu de hebreus". Era de puro sangue judaico , da tribo de Benjamin (Romanos11:1; Filipenses3:5); e nasceu em Tarso, na Cicília (Atos 9:11; 21:39; 22:3), pelo ano 2 antes de Cristo, quando estava no seu auge o poder do Imperador

[2] A Bíblia em Bytes – Jireh 1.1. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Romano César Augusto. A sua educação foi caracteristicamente judaica. quando rapaz, foi mandado para Jerusalém a fim de ser instruído por Gamaliel "Segundo a exatidão da lei de nossos antepassados," dizia ele (Atos 22:3). Tanto Gamaliel, como a própria família de Paulo, pertenciam à seita dos fariseus. Paulo sabia a arte de fazer tendas (Atos 20:34; I Tessalonicenses 2:9) com Tarso era, naquele tempo, notável centro de instrução, quase tão célebre como Atenas ou Alexandria, foi ali, sem dúvida, que Paulo estudou os antigos poemas e a filosofia do tempo; e isso se deduz de algumas citações que ele faz (Atos 17:28; I Coríntios'15:35; I Timóteo 1:12).

Sendo talvez tão antiga quanto Damasco, Tarso foi a principal cidade da Cilícia. A julgar pela extensão de suas ruínas, a população de Tarso, na época dos romanos deve ter chegado perto de meio milhão de pessoas. Era uma cidade que possuía todos os elementos necessários para torná-la o grande centro comercial que de fato veio a ser: excelente porto, uma região interiorana rica, e uma posição de comando na extremidade sul da rota comercial (interior da Ásia Menor em geral). Tarso se tornara uma das três grandes cidades universitárias do mundo mediterrâneo. Strabo refere-se à universidade de Tarso como sendo superior, em alguns aspectos, às de Atenas e de Alexandria (geografia 14.5.13). Era principalmente importante como centro da filosofia estóica. O oficio de Paulo de fazer tendas constituía importante ramo comercial ciliciano.

A erudição de Paulo era, desta forma, notável. Pela sua cultura estava ele em contato com o mundo grego; pelos seus privilégios de cidadão estava ele em contato político com o mundo romano; e pelo fato de que era prerrogativa de cidadão romano era hereditária, tinha por conseqüência a sua família vantagens sociais. Os seus parentes estavam muito espalhados, porque alguns deles viviam em Jerusalém (Atos 23:16), e outros segundo uma certa interpretação, em Roma,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

(Romanos 16:11), os quais tinham aceitado o cristianismo antes dele (Romanos 16:7)[3].

Os saduceus haviam sido os principais antagonistas dos cristãos (Atos 4:15; 5:17), enquanto os fariseus, se é que Gamaliel serve de critério, de alguma forma haviam adotado uma posição mais neutra (Atos 5:34). Mas Paulo, um fariseu (Atos 23:6; Filipenses 3:5), resolve abandonar a posição mais suave preconizada por seu mestre, e passa a liderar um movimento organizado com o objetivo de desarraigar a nova doutrina. A preeminência desse homem fica indicada pela tríplice menção de seu nome em poucos versículos (Atos 7:58; 8:3), e também pelo fato de a perseguição diminuir logo após sua conversão. Não é difícil descobrir a causa da mudança de atitude entre os fariseus. Eles eram dedicadíssimos à lei e suas instruções. Em alguns aspectos tinham afinidades com os cristãos (Atos 15:5; 23:6; 26:4), mas a partir do momento em que estes se puseram a questionar a validade da lei como os fariseus a entendiam e interpretavam, os discípulos passaram a sentir o peso da fúria farisaica oposicionista. Em suma, os (crentes judeus) gregos estavam agora na mira do ataque dos fariseus, pelo que esses crentes agora se viam obrigados a abandonar Jerusalém, no entanto, muitos permaneceram ali. Muitos dos que figuram logo retornaram. Saliente-se porém, que embora muitos tenham fugido da cidade, os apóstolos ali permaneceram.

Prosseguiu a perseguição à igreja de Jerusalém, com Paulo "respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor" (Atos 9:1). Não contente com isso, Paulo desejava estender seus esforços além da cidade. De 26:10 fica evidente que Paulo já estava agindo sob uma comissão nomeada pelo sumo sacerdote, mas agora "dirigiu-se ao sumo sacerdote" (talvez Caifás) e pediu-lhe que seu mandamento se estendesse de

[3] BUCKLAND, A. R. Dicionário Bíblico Universal. Deerfield, Flórida. E.U.A.: Editora Vida. 1981.

modo que lhe permitisse procurar "alguns daquela seita, quer homens quer mulheres... de Damasco para que os conduzisse presos a Jerusalém". A dúvida estaria na legalidade da ação de Paulo em prende-los visto não se tratar de meros refugiados recentes (v. 8), mas de cristãos que residiam em Damasco e evidentemente haviam sido capazes de combinar a fé cristã com a prática judaica de maneira aceitável perante seus correligionários judeus. A questão, portanto, era se as numerosas sinagogas existentes em Damasco cooperariam com Paulo na ação contra seus próprios companheiros que haviam optado por reconhecer que Jesus era o Cristo. As "cartas para as sinagogas" (v.2) seriam uma ajuda visto que embora o Sinédrio não tivesse autoridade legal fora da Judéia, sua reputação representaria autoridade moral sobre os judeus da Diáspora. Paulo também procuraria a ajuda dos magistrados locais, mas o nome do Sinédrio judaico teria tido peso suficiente até mesmo sobre tais magistrados, de modo que Paulo se sentiria confiante quanto à aquiescência deles, se não quanto à sua total cooperação. Fosse como fosse, parece que Paulo lançou-se com ímpeto, cheio de esperanças de grande sucesso. Estava acompanhado por inúmeros capangas, talvez designados dentre os guardas do templo, a fim de ajudá-lo a efetuar as prisões.

Quando Paulo se aproximara de Damasco, "subitamente o cercou um resplendor de luz do céu" (v.3). A palavra grega é muito empregada com o sentido de relâmpago, de modo que é assim que Lucas pretende dar-nos uma idéia da intensidade da luz, embora as circunstâncias sejam de tal ordem que obviamente a descrição não pretendia referir-se a um fenômeno natural. Em 22:6 a hora determinada como sendo "quase ao meio dia", e em 26:13 se diz que a luz "excedia o resplendor do sol", e envolveu o grupo todo, inclusive Paulo. a luz se associa com muita freqüência, nas Escrituras, à revelação de Deus (12:7) sendo esse o caso aqui com toda a clareza.

Paulo e quantos o acompanhavam caíram no chão. Veio a Paulo um som, como a voz de Cristo: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (v.4). A forma simétrica de seu nome (Shaul) é usada em todos os três relatos - certamente com reminiscências desse acontecimento notável. Quanto à solene repetição do nome, compare com Gênesis 22:11, Mateus 23:37 e Lucas 10:41; 23:31. De início é possível que Paulo tivesse ficado todo confuso, sentindo apenas que estava na presença de Deus. É por isso que ele usa o nome do Senhor ao fazer-lhe uma pergunta. E recebe a resposta: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues" (v.5; capítulo 22:8, "eu sou Jesus de Nazaré"), e com essas palavras vem também a primeira lição que Paulo precisava aprender, a saber, que Cristo tinha "um corpo", uma presença tangível na terra, a igreja (veja discrição sobre 1:1. cp. Romanos 12:4,5; I Coríntios 6:15; 8:12; 10:16s; 12:12ss; Efésios 1:22; 4:4,12,16; 5:23; Colossenses 1:18,24; 2:9), de modo que era a ele, ao próprio Cristo que Paulo vinha ferindo ao perseguir seu povo (cp. Mateus 25:40,45; Lucas 10:16). E Paulo fez mais duas descobertas. Primeiro, que os cristãos estavam certos ao proclamar a ressurreição de Jesus. O emprego do nome do Senhor aqui expressa a percepção de Paulo de que o Jesus histórico era o Cristo que lhe aparecera. Segundo descoberta, Gamaliel tinha razão visto que Paulo fora na verdade apanhado lutando contra Deus (cp. 5:38).

A explicação do próprio Paulo, foi que ele havia tido um encontro com o próprio Cristo vivo, o qual de certa maneira deferiu de suas subseqüentes visões e revelações" (I Coríntios 12:1) de modo que o apóstolo só explicá-lo como a última aparição de Cristo após sua ressurreição (I Coríntios 15:8). A experiência de Cristo como poder dentro do crente não era estranha a Paulo (Romanos 8:10; Gálatas 2:20), "mas na estrada de Damasco ele não só experimentou o poder internamente, mas acima de tudo, percebeu uma pessoa externamente, não recebeu apenas a dádiva da graça, mas também a vida do

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Senhor ressurreto". Portanto, Paulo declarara ter visto a Jesus, o que é algo singular e marcante, não podendo ser menosprezado, nem deixado de lado como insignificante" (Dunn, Jesus p. 109). Somente sua inabalável convicção da realidade do que havia acontecido explica suficientemente o resultado atingido: "a mudança radical de uma vida centralizada em si mesmo, para uma vida centralizada em Cristo, uma completa submissão a Jesus Cristo, pela qual ele se torna discípulo do Mestre e servo do Senhor, sua admissão no reino de Deus na terra, e no ministério apostólico que era a tarefa da comunidade cristã" (T.W. Manson, pp. 13s).

No devido tempo, Paulo receberia instruções sobre o que deveria fazer, mas nesse momento ele já era um novo homem (cp. II Coríntios 5:17; Filipenses 3:4ss). Paulo não poderia jamais esquecer de modo completo seu passado, mas tudo lhe fora perdoado, e Deus lhe havia preparado uma nova tarefa.

"Por que me persegues?": a resposta a esta pergunta tem sido encontrada em Gálatas 3:13. Antes de sua conversão, Paulo considerava Jesus como maldito, de acordo com Deuteronômio 21:22ss. Por esta razão Paulo havia blasfemado contra o nome do Senhor (I Timóteo 1:13) e tentou levar outros a blasfemar também (Atos 26:11). Após sua conversão, Paulo prosseguiu afirmando, "Cristo nos resgatou da maldição da lei". Veja J. Jeremias The Central Massage of the New Testament (Londres: SCM Press, 1965) p. 35s.

"O Senhor Jesus... me enviou, para que... sejas cheio do Espírito Santo (cp. 22:12ss)". Em Gálatas 1:1,11ss, Paulo declara que havia recebido comissão apostólica não de mãos humanas, mas diretamente de Cristo.

Corinto ficava na extremidade ocidental do istmo que une o Peloponeso ao continente; era cortada pelo trafego intenso entre a península e o norte tinha dois portos,

cada um localizado num dos lados do istmo, fazendo com que a cidade se tornasse um ponto importantíssimo de comércio marítimo entre o oriente e o ocidente.

Há uma suspeita de que a má propaganda ateniense tinha algo a ver com a fama de Corinto quanto à licenciosidade. No entanto, não se pode negar que Corinto era uma cidade bestial em que "ninguém senão os mais fortes conseguem sobreviver" (Horacio, Epistles 1.17.36), e seu caráter se reflete bastante nas cartas de Paulo (p.e.,1ª Cor. 5:1-23; 6:9-20; 7:2,5,9; 10:8;15:33s.). Não é de admirar que o apóstolo tinha escrito:" E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande temor" (1ª Cor 2:3). No entanto, aqui está Paulo determinado a proclamar a "Jesus Cristo, e este crucificado" (1ª Cor. 2:2).Paulo, com o intuito de aconselhar a igreja escreve as cartas de I e II Coríntios 13 é "o hino do amor", uma das passagens mais conhecidas da literatura cristã.

O mandamento do amor é antigo e aparece em Deuteronômio 6:5 "Amarás o Senhor teu Deu de todo o teu coração, e de toda a tua alma e de todas as tuas forças". Mostra desde que tipo de relacionamento o homem deve ter com Deus e um relacionamento baseado no amor.

"E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". (Mateus 22:37-39). O amor precisa ser vivido, praticado e não apenas conhecido, na teoria. Um amor que resiste ao teste da ação; é exatamente isto que precisamos: um amor que age. O amor deve ser a base sobre a qual edificamos nossos relacionamentos com Deus e com nossos semelhantes.

"...limites de pedra não podem conter o amor,
E o que o amor pode fazer, isso o amor ousa tentar" .
(Sheakspeare, Romeu e Julieta)

"...amor...".No Grego "ágape", derivação da forma verbal "agapao". Habitualmente sinônimo do vocábulo philia, encontrado em tempos tão remotos como nos escritos de Paltão, produto não exclusivo da literatura sagrada. [Do lat. Amorem, dedicação afetiva]. Um dos mais altos e sublimes atributos comunicáveis de Deus. O evangelista João traz nos, através deste vocábulo esta definição essencial do Supremo Ser: "Deus é amor" (1ª João 4:8) . No âmbito das Sagradas Escrituras, o amor é o sentimento que mais possui implicações teológicas. Aparece na Bíblia 181 vezes. Sem ele nenhuma aliança teria sentido, pois o amor de Deus é a base da aliança, o fundamento de sua fidelidade: "Há muito que o Senhor me apareceu, dizendo: Pois com amor eterno te amei, também com amorável benignidade te atrai". (Jeremias 31:3); Nenhum testamento seria firmado sem ele, pois todos os atos de Deus são atos amorosos, seu amor é a razão da eleição de seu povo;" Mas porque o Senhor vos amava, e para guardar o juramento que jurara a vossos pais, o senhor vos tirou da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito "(Deuteronômio 7:8). Somente o amor foi capaz de predispor a Deus a buscar o bem de uma humanidade corrompida, e que só procurava quebrar-lhe as leis.Cristo é a maior expressão e prova do amor de Deus pela humanidade . "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16). Alias, é como podemos definir o amor: é a predisposição de alguém em buscar o bem de seu semelhante. O Espírito Santo derrama o amor no coração dos salvos: " ...o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Romanos 5:5). O amor é a mais elevada qualidade cristã. "Agora permanecem estes três: a fé, a esperança e o amor, mas o maior destes é o amor." (1ª Cor. 13:13), devendo nortear todas as relações da vida com o próximo e com Deus: "respondeu-lhes Jesus:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. O segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo." Esse amor envolve consagração a Deus: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos." (João 14:15) , e confiança total nele "Nisto é aperfeiçoado em nós o amor, para que no dia do juízo tenhamos confiança,...", incluindo compaixão pelos inimigos "Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem," (Mat. 5:44); "Se alguém disser: Eu amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso. Pois aquele que não ama a seu irmão, a quem viu, como pode amar a Deus, a quem não viu ?" (1 João 4:20) e o sacrifício em favor dos necessitados "e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave." (Efésios 5:2); "Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu sua vida por nós. E devemos dar a nossa vida pelos irmãos." (1ª João 3:16).

Na língua Grega, três são as palavras usadas para expressar o amor: 1 ágape – termo usado para descrever o amor em sua mais alta e sublime acepção . É o amor que não se preocupa em receber, mas em dar. O ágape é o amor que só Deus pode dispensar-nos. Etimologia: "A palavra mais comum para todas as espécies de amor, no novo testamento é ágape agapão. Trata-se de uma das palavras menos comuns do grego clássico, onde, expressa, em suas poucas ocorrências, aquela forma mais elevada e nobre de amor que vê algo de infinitamente preciso em seu objeto. Seu emprego no Novo Testamento não se deriva diretamente do grego clássico, mas muito mais da Septuaginta, onde ocorre em 95% de todos os casos onde o hebraico é geralmente traduzido por "amor" em nossas versões portuguesas, bem como em cada caso de amor que Deus tem pelo homem, que o homem tem por Deus, ou que o homem tem pelo seu

próximo. A dignidade que esse vocábulo possui no NT foi adquirida justamente por seu uso como veículo da revelação do Antigo Testamento (AT). Está repleto de associações com o A.T."

2-Philis-"phileo é a palavra, de Homero em diante, para "mostrar afeição", "amor", "hospitalidade", etc. Pode-se empregar, também, com menos precisão e ênfase, com o sentido de: "estar acostumado a ", "ter o hábito de"; e, depois, ao ser ligado com outros verbos, fazer algo "com alegria", "por costume", "de modo geral". Aplica-se comumente, além disso, com significados mais específicos, Há um número muito grande de palavras que se compõe com phil e.g. philoxenia, "hospitalidade" (cf. Liddell Scott, 1935-42), philos atestado em Gr. Miceneano, com o significado original de "caro", "dispendioso", "valioso", ficou sendo a expressão comum para "amigo" ou "parente"; phile significa, de modo semelhante, "amiga". Philia é uma abstração posterior, com o significado de "amizade", "amor", "devoção", "favor"; philema é um "sinal de amor", um "beijo".

3- Eros "O verbo eraõ e o subst. Eros, do outro lado, denotam o amor entre o homem e a mulher que abrange o "anseio". o "anelo" e o "desejo". O deleite dos gregos na beleza do corpo e nos desejos sensuais achava expressão aqui, na abordagem dionistica à vida, e sua sensação dela. A êxtase sensual deixa muito para trás a moderação e a proporção e os tragedianos gr. (e.g. Sof., Ant. 781 e segs.) conheciam o poder irresistível de Eros – o deus do amor tinha o mesmo nome- que, no caminho do êxtase, esquecia-se de todo o raciocínio, vontade e discrição".

(I Co. 13:1) "Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que ressoa ou como o címbalo que retine".

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Salmo do amor do N. T. como o Salmo 45 e o Cântico de Salomão no A.T

Línguas – destas eleva-se à "profecia" e então à "fé"; à feitos de benevolência e sacrifício: o seu ponto culminante. Ele não se omite e passa a mostrá-lo, direciona-los, (os dons). "Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho sobremodo excelente". (I Co. 12:31). "Vos mostrarei" – coloca sua pessoa na situação (como garantia) de seus argumentos. "Ainda que", "mesmo se", falasse as línguas (dos homens) com toda eloqüência; tão admirada em Corinto (como exemplo, Apolo – At. 18:24; I Co. 1:12, 3:21,22), e ao comando de diferentes línguas (no espírito) com as quais alguns em Corinto com propósitos de mera ostentação. "A eloqüência desacompanhada do amor, é apenas um ruído, O amor é que confere a unidade necessária à igreja, conforme Paulo requeria; e é o amor que dá algum valor à eloqüência".

Dos anjos – ainda que eu falasse a língua dos anjos – superior aos homens (mais elevada) que a língua dos homens e portanto de se admitir, que falasse a mais exaltada língua.

Amor – a causa, o princípio, o fundamento, a razão, a essência do ordinário (usual) e mais importante dos dons do Espírito, comparado aos dons extraordinários (I Co. 12:1-31).

Soar - ...tinir - ...seria que como o metal que soa ou como o sino que tine – soar, tocar, canta, entoar sem alma ou sentimento: tais são as "línguas" sem amor.

Címbalo – dois tipos são mencionados (Sl. 150:5), os sonoros ou retumbantes e os altissonantes: címbalos tocados com as mãos (um prato de encontro ao outro) e címbalos tocados com os dedos, ou castanholas. O som é agudo, penetrante e

comovente.

Amor – amor a Deus e aos homens.

O metal que soa – vazio e sem valor. Sendo o amor a Deus e aos homens a melhor dádiva que Deus concede, todos deveriam ardentemente deseja-lo e nutri-lo em suas vidas e nas de outros.

13:2 "E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria" .

Dom da profecia – e ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

...e entendesse, conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, todo o conhecimento – tivesse o poder de revelar toda a profundeza dos desígnios de Deus contida em sua palavra e de declarar por inspiração, o que tem estado encoberto, oculto do mundo.

...e tivesse toda a fé – a fé de milagres. Os homens com freqüência pleiteiam, dedicam-se avidamente a uma carreira e gloriam-se no que isso poderá trazer-lhes sem nenhum benefício permanente. Nada que façam ou possuam, sem o amor a Deus e aos homens irá salva-los da perdição.

13:3-4 "E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me

aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece" .

Aqui são aludidos os dons do socorro, e então a dedicação suprema que devemos ter para nossos irmãos na fé. É possível alguém dar esmolas, estar envolvido em programas de ajuda social ativa em sua igreja, tudo que visa aliviar o sofrimento da humanidade, mas fazer tudo visando a auto-exaltação, a vanglória, ou o mero sentimento de dever.

Portanto, a capacidade de eloqüência verbal nada significa, ação social nada representa, se por ventura o amor cristão não é o grande motivo impulsionador. Podemos esperar que o dom do socorro seja orientado segundo as normas do altruísmo, inspirado por motivos sem a mancha do egoísmo; mas esse não necessariamente o caso.

Sem o amor, nem mesmo um sacrifício supremo obtém coisa alguma para aquele que o realiza. A dedicação suprema nada significa sem a motivação do amor.

O amor, quando é produto do Espírito de Deus, quando transforma os homens a imagem moral de Cristo, recebe dezesseis descrições diversas nos versículos quatro a oito deste capítulo. Todas essas descrições são expressas no original grego por meio de verbos e não por meio de adjetivos, talvez como indicação de que o amor é uma força dinâmica, e não estática.

O amor é paciente, ou "longânimo". É lento para irar-se, e não ofende ante o primeiro insulto. Recebe as injúrias sem retaliar. É o contrário da impaciência, que está sempre para tirar vingança de algum opressor, e, muitas vezes, até mesmo de um amigo.

"A paciência suporta muitos deslizes e negligências, da parte da pessoa amada, e se mostra longânima para ver o efeito bondoso de tal paciência sobre ela". (Matthew

Henry in loc.)

"Todos os homens recomendam a paciência, embora poucos sejam os que a praticam". (Thomas A. Kempis, Imitação de Cristo).

O amor é benigno. A paciência é mais uma qualidade refreadora; a benignidade é mais passiva realizando feitos bondosos. Dessa forma, pois, o apóstolo se referia a um amor ativo, que alimenta os famintos, veste os destituídos, dá um copo de água ao sedento; não aludia apenas ao amor contemplativo de certos místicos, através do qual um homem pode amar a pessoa de Deus em um estado de êxtase.

O vocábulo grego aqui usado significa ser bondoso, ser misericordioso, demonstrar amor. A forma adjetiva significa útil, gentil, moralmente bom, de boa reputação, benévolo. Fala sobre aqueles que dão de seus bens materiais a fim de ajudar a outros; os quais também visitam aos enfermos, proferindo uma palavra de ânimo e de consolo, que tende a fomentar a amizade. Esses são os homens bons referidos no trecho de Rm. 5:7, os quais são considerados ainda mais dignos de respeito do que o homem justo, religiosamente correto, embora não tão frutífero na forma de bondade.

"Há corações solitários a animar,
Enquanto os dias se passam;
Há almas cansadas que perecem,
Enquanto os dias se escoam;
Se pudermos renovar um sorriso,
Ao prosseguirmos viagem,
Oh, o bem que todos podemos fazer,
Enquanto os dias se passavam
(George Cooper)

...o coração do Eterno
é admiravelmente bondoso.
(Fredrick W. Faber).

O amor não tem inveja. "A inveja é um dos pecados mais mortais. Nada pode amargurar tanto o espírito humano e envenenar as relações do que a atitude da inveja ou do ciúme... Essa foi a causa direta na história da raça humana. (Ver Gn 4:1-8)".

(C.T. Craig, in loc.).

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

A inveja é uma paixão, uma paixão doentia que se insinua insidiosamente por todo o tecido da vida humana onde os homens não conhecem a vitória que há em Cristo.

O amor não se ensoberbece. O amor impede a pessoa de inflar-se com o senso de própria importância. Não se mostra altivo (I Co. 4:6, 18, 19; 5:2; 8:1 e Col. 2:18.).

"A soberba precede a ruína e altivez do espírito precede a queda" (Pv. 16:18).

13:5 "não se porta inconveniente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal";

O amor não é arrogante ou rude. O amor não se "comporta" sem boas maneiras". No dizer de Robertson e Plummer (in loc.); "O amor é cheio de tato nada fazendo capaz de levar alguém a corar de vergonha".

"O amor ... não se faz arrogante, mas observa a moderação e a propriedade. (Calvino in loc.)"

"O amor jamais age fora de lugar ou contrariamente ao seu caráter; mas observa o verdadeiro decoro e as boas maneiras; nunca se mostra rude, vil e brutal ...Nenhum malcriado, rude e sem boas maneiras pode ser um cristão. Um homem pode se caracterizar por certa aspereza, ou então ser um palhaço, mas jamais será vil e maldoso em suas maneiras". (Adam Clarke, in loc.).

> "... ou por meio de palavras inconvenientes, ou praticando ações indecentes; pois o homem que é guiado por sua graça terá o cuidado de não mostrar-se imundo e corrupto, naquilo que sai de sua boca, capaz de ofender ouvidos piedosos". (John Gell, in loc.).
>
> "O amor nada faz do que alguém se possa envergonhar; toda a sua conduta é decorosa e apropriada" . (Hodge).
>
> Termos respeito pr nós mesmos é algo que guia nossos princípio morais; e mostrar deferência para

com os outros governa nossas maneiras". (Laurence Sterne).

O amor não busca seus próprios interesses, o amor não é egoísta, mas sempre se mostra altruísta. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nela crê não pereça, mas tenha a vida eterna". (João 3:16). Cristo, naturalmente é o mais elevado de como o amor busca o bem alheio, como se sacrifica visando esse bem.

O amor não se deixa provocar. Não é irritável "a raiz de muitas das nossas tribulações é a nossa arrogância, nosso temperamento irritadiço, a atitude da exasperação fácil. Essa é apenas uma forma disfarçada do egoísmo". A irritabilidade não é um elemento natural e necessário no temperamento do homem. "As pessoas irritáveis o são porque desenvolveram tal vício, para detrimento próprio e para sofrimento dos que com elas entram em contato. A irritabilidade promove ressentimento, e isso é uma forma de ódio, é extremamente dificil alguém amar profundamente e, ao mesmo tempo, irritar-se com ela".

O amor não se ressente do mal. Essa idéia tem sido comumente interpretada como que a dizer "não encontra o mal onde o mal não existe", não imagina o mal em face de pequenas indicações", como os intrigantes, que se alicerçam em pequenos indício observando, em informações insuficientes que tenham recebido. Nesse sentido, o amor é dotado de mente inocente, sem malícia, esperando sempre o lado melhor das pessoas, e não o pior, e certamente não imaginando o mal em alguém, quando o mesmo realmente não existe.

O amor não conserva uma contracorrente de méritos e desméritos, com base no que outros lhe tenham feito. Não guarda ressentimentos não se lembra do mal sofrido por parte de outrem. Também nos cultiva a malícia, não se vinga. O amor não atribui mal a outrem, e nem se lembra de possíveis desméritos. O amor não fica afagado na memória os males sofridos, mas sempre perdoa e esquece,

conservando limpo o registro, a folha corrida de outros. Isso é psicologicamente benéfico, por quanto é fato bem conhecido que a atitude daquele que guarda ressentimentos contra outros sofre detrimento em sua saúde física e mental.

Podemos selecionar aquilo de que nos lembramos. Podemo-nos olvidar deliberadamente as experiências desagradáveis que nos têm sobrevindo. Isso é o que Deus faz, quando um pecador verdadeiramente contrito confessa os seus pecados. Deus perdoa e esquece. Na oração que o Senhor Jesus ensinou aos seus discípulos, o perdão de Deus aparece dependente do perdão com que o homem brinda seus semelhantes. O amor se esquece das ofensas recebidas; e o perdão, para ser real, deve envolver tal olvido. Alguém escreve dizendo que Abraão Lincoln nunca se esqueceu de uma gentileza que lhe fora feita, e nunca se lembrou de uma injúria recebida. Essa deve ser uma das características do povo crente. O espírito que não perdoas se aproxima perigosamente do pecado final, que é descrito como imperdoável. Pois qual poderia haver no céu, a habitação onde impera o amor, para o espírito de ressentimento? O ressentimento não pode ter lugar no coração ou no companheirismo que é dominado plenamente pelo amor de Cristo. (John Short, in loc.).

... cada homem mata aquilo que ama,
Que isso seja ouvido por cada um.
Outros, com uma palavra lisonjeira,
O covarde, o faz com um beijo,
E o corajoso, com uma espada.
(Oscar Wilde,"Ballad of Reading Goal")

13:6 "não se regozija com a injustica, mas se regozija com a verdade";

Não folga com a injustiça- como faz o egoísta, sempre que a iniqüidade em si mesmo ou nos outros serve de pretexto para atingir seus interesses ou ara a destruição de seus inimigos .

Regozija-se - alegra-se com a verdade, em sua aceitação e propagação, quem quer que seja os instrumentos e quaisquer que sejam os resultados em nós.

O amor não se regozija quando vê a injustiça o amor jamais se rejubila quando

outros cometem a maldade, o erro; também não se regozija com a queda alheia; não se regozija com a fraqueza dos outros, resultado do pecado, a fim de exaltar-se em sua própria suposta retidão nem se regozija ante o ciúme, a inveja, qualidades negativas essas que se deleitam ante a ruína alheia.

A pessoa verdadeiramente moral, verdadeiramente sensível ante o mal o verdadeiro sofredor não é o indivíduo que se entrega à bisbilhotice. Por conseguinte, a bisbilhotice deve ser rigorosamente rejeitada pelos seguintes motivos: 1. Com freqüência não corresponde à realidade; ou então só em parte expressa a verdade. 2. Não é necessária a repetição das histórias. 3. E nunca é demonstração de 'bondade' envolver alguém na reiteração da bisbilhotice.

É interessante que a bisbilhotice causa dano contra si mesmo porquanto nenhum homem pode ferir a outros sem ferir a si mesmo, psicológica e espiritualmente falando. O bisbilhoteiro é alguém que 'odeia' disfarçadamente. Aquele que ama jamais poderá ser um bisbilhoteiro, não demonstração de amor cristão encorajar a bisbilhotice, tornando-se ouvinte atento.

O amor, na forma da expiação pelo sangue de Cristo combate contra o mal, visando livrar os homens do mesmo, com intuito de eleva-los na direção de Deus. O amor cristão, por conseguinte, sob hipótese nenhuma poderá regozijar-se ante o mal. O amor não pode desfrutar do prazer sádico do fruto proibido, do prazer doentio do transgressor que pensa ser bem sucedido.

"Existem pessoas tão vis que sua alegria verdadeira depende do triunfo do mal". (Robertson, in loc.). Está aqui em foco a verdade inteira de Deus; e isso deve incluir a verdade trazida até nós por Jesus Cristo, expressa no evangelho. O amor cristão, pois, não deriva qualquer satisfação dos pecados alheios; pelo contrário, encontra sua plena

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

satisfação na verdade de Deus, a qual é pura, imaculada, benigna e salutar. A verdade, neste ponto, faz oposição especial à maldade; portanto, está em vista, particularmente, a verdade "moral", a bondade para com os nossos semelhantes. Nisso é que o amor cristão se regozija, embora a declaração do apóstolo dos gentios não limite a cobrir esse aspecto.

Assim é que o amor no contraste com o espírito odioso da bisbilhotice alegra-se por ouvir acerca do bem feito a outrem, o seu progresso espiritual, a sua pureza moral. Nessas coisas é que o amor se regozija, porquanto o amor sempre se manifesta na forma de ação moral purificadora. Sim, o amor se alegra ante o triunfo do bem, e onde quer que esse triunfo se possa se possa encontrar.

13:7 "Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta".

I. Podemos observar aqui os quatro "tudos", que figuram antes de cada verbo, a fim de criar ênfase. Neste ponto, Paulo eleva o elogio ao amor a seu ponto culminante, mencionando, em rápida sucessão suas mais elevadas virtudes. A palavra "...sofre..." se deriva de um termo grego que significa "telhado". Um telhado cobre, protege, "suporta" a tempestade, conservando no bem-estar os que estão no interior da casa. Por isso é que se pode dizer que o amor "cobre", "protege", "sustenta" todo o sofrimento e assédio. No dizer Vicent, (in loc).: "Resguarda do ressentimento como o navio resguarda da água ou o telhado da chuva". Esse mesmo vocábulo é usado em I Pe. 4:8, onde se lê que "...o amor cobre multidão de pecados..." o amor lança um véu sobre os sentimentos, os pecados, as fraquezas e os abusos dos outros. No entanto o pensamento vai muito mais fundo do que isso, porquanto aqui Paulo fala especialmente acerca da "restrição" ou "sustento", na presença do mal. Quando olhamos para a cruz, vemos o maior de todos

os exemplos de como o amor pode "suportar" e também cobrir a tudo.

"O amor concede em um momento o que o trabalho dificilmente pode conseguir em uma era". (Goethe, Torquato Tasso).

O amor está a fazer as melhores colocações e passar aos outros o que a conduta humana tem de melhor e sempre espera o melhor do homem. Tudo suporta; mesmo que seja chamado a sofrer na senda da submissão. O amor é tão ativo, diligente em sua natureza e tão marcante em seus efeitos, que ninguém deveria ter dúvida se realmente o possui.

"O amor permanece como amigo, e ama a despeito do que sabe a seu respeito; vê o seu potencial, encoraja-o a cumprir os seus ideais."

"O amor demonstra a disposição de confiar, ao invés de suspeitar malignamente, a imaginar e desmascarar supostas faltas, sempre inclinado a supor a existência de um bem invisível; e, nas falhas, sempre inclinado a presumir a existência de uma correta intenção". (Kling, in loc.).

"A interpretação que diz que o amor crê nas Escrituras, nas verdades de Deus, etc., não salientada neste versículo. O amor acredita nos homens, na forma da bondade fraternal. Esse é o sentido dessas palavras."

"Naturalmente essa forma de esperança nos homens é uma forma de esperança em Deus, confiando em grande expectação que a vitória divina, no homem, finalmente prevalecerá, e que o plano remidor será um sucesso, e que a boa vontade finalmente triunfará sobre a maldade dos homens."

"O amor tudo suporta. Tolera os abusos alheios; os fracassos dos outros, bem como os seus retrocessos. Tolera as perseguições por amor a Cristo. Jamais culpa a Deus em face da adversidade, mas busca propósito para todas as coisas; em suma,

confia na providência de Deus".

O amor é como uma madeira madura, nunca cede.
(George Herbert).
Ai de mim! Quem me dera que eu pudesse ler,
Quer pudesse ouvir, por conto ou por história,
Pois o curso do verdadeiro amor nunca é suave.
(Shakespeare, Much Ado about Nothing, II.i.102)

As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo... (Ct. 8:7).

"...o amor suporta silenciosamente tudo quanto precisa sofrer". (Shore, in loc.).

13:8 "O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá";

Paulo prossegue ensinando que o amor, indispensável no exercício dos dons, continuará mesmo depois, quando os dons cessarem; pois é eterno, em contraste com a expressão terrena dos dons espirituais . A "vida" dos dons é o amor; sem ele, todos os dons espirituais são mortos, para todos os efeitos práticos.

O amor jamais diminui, é uma fonte perene, a fluir, com profundezas que nunca podem ser drenadas.

"Que ao matrimônio de mentes verazes
Não admita eu empecilhos. Amor não é amor
Se se altera quando encontra alterações,
Oh ! não, mas é um alvo sempre fixo,
Que encara tempestades e nunca se abala;
E a estrela de toda barca ao léu,
Cujo valor desconhece, embora sua altura seja tomada.
O amor não é escravo do tempo, embora lábios e faces rosadas
Apareçam dentro da encurvada foice;
O amor não se altera com as horas e as semanas
Mas resiste até mesmo à beira da condenação:
Se isso labora em erro, e for provado contra mim,
Nunca escrevi, e nenhum homem jamais amou.
(William Shakespeare, 1569-16160.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

13:9 "Porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos";

> Nosso conhecimento é parcial, até mesmo com a ajuda dos mais elevados dons da sabedoria e do conhecimento. Essa admissão e declaração, feitas pelo apóstolo, deveria ensinar-nos a sermos cautelosos quando a Deus com os nossos dogmas, como seu, já sabendo quanto tem importância, não precisássemos mais de fazer qualquer pesquisa honesta pela verdade. A tendência da religião "ortodoxa" é olvidar-se desse grande fato. Apodando de heterodoxa qualquer opinião que não se adapte facilmente dentro dos limites dos dogmas já aceitos.

Os intelectuais de Corinto faziam uma idéia exagerada da "grandiosidade" de seu conhecimento. Paulo lembra que, quando muito, o que sabiam era parcial o conhecimento mais especificamente como aquilo que nos é dado mediante os dons da sabedoria e do conhecimento, ou seja, aquilo que seria ensinado como correto até onde vai, mas sem qualquer pronunciamento é impossível para nós, no presente estado de mortalidade. O conhecimento, para nós, se acha em estado de constante expansão, nunca chegando a um ponto final. Todos os campos do conhecimento , das ciências à teologia, estão sempre franqueados à modificação e revisão à medida que nossos conceitos são expandidos e aprofundados. A doutrina do "fluxo", postulada por Heráclito: "Não se pode pisar no mesmo rio por duas vezes", encena uma verdade que se aplica à situação humana. O conhecimento de Deus é perfeito, o homem contudo, devido ao seu estado mortal, nunca pode compartilhar plenamente desse conhecimento e assim, a sua participação está sempre em estado de fluxo.

"O conhecimento e a profecia pois, conforme os conhecemos podem conhecer senão sempre indiretos, parciais e fragmentários; e disso participam os tipos exatos de descrição que a moderna epistemologia atribui a todo o conhecimento, incluindo o conhecimento cientifico". Existe uma realidade permanente e

perfeita, no estado atual nos dirigimos nessa direção, mas finalmente chegará o tempo em que o que é "perfeito" virá substituir o que é imperfeito, quando o incompleto cederá lugar ao que é completo.

Podemos observar neste ponto, a alegoria de Platão acerca da caverna. Platão imaginou "homens" no interior de uma caverna, sentados de costas para uma fogueira. Entre ele e a fogueira tinham sido postos vários objetos que havia na superfície da terra. Mas aqueles homens jamais tinham visto a superfície, e nem as imitações das coisas que aqui existam. Tudo quanto conheciam era as sombras das imitações projetadas pela luz da fogueira, na outra extremidade da caverna. Naquela lamentável condição, eles imaginavam que aquelas sombras projetadas pelas imagens, eram as próprias realidades da vida. O que aconteceria, indagar Platão, se um daqueles homens da caverna pudesse subir à superfície e contemplar a realidade; e em seguida voltasse a seus companheiros, contando-lhes o que vira? Os outros poderiam até mata-lo, porquanto ele se tornaria uma afronta para o "conhecimento"aceito entre eles". E assim também é e deve continuar sendo no caso de nosso atual conhecimento sobre as coisas divinas e mais elevadas.

"Quando muito, no presente, vemos através de um espelho baço, onde os reflexos são imperfeitos, e, algumas vezes, até mesmo ilusórios".

> O bispo Butter tem demonstrado que, neste mundo, o conhecimento completo ao menos de uma parte, é algo impossível; pois não podemos dispor disso enquanto não conhecemos sua plena relação para com o todo; e, a fim de fazer isso, precisamos ter conhecimento do todo, o que é possível. (Robertson e Plummer, in loc.).

"O mais sábio dos mortais se assemelha apenas a um macaco segundo a estimativa de Deus". (Platão)

O argumento usado por Paulo é aquilo que é "parcial" e "imperfeito", em face dessas mesmas características, não pode ser permanente. O amor, por outro lado, sendo perfeito, é permanente. Um conhecimento mais elevado, um conhecimento perfeito, é possível, mas isso somente quando do estabelecimento do estado eterno.

13:10 "...mas, quando vier o que é perfeito, então o que é imperfeito será aniquilado".

A imperfeição é temporária. A perfeição é permanente. Um conhecimento novo continuamente torna obsoleto o conhecimento anterior.

O que é imperfeito não desaparecerá enquanto não vier o que é perfeito; temos então, necessidade dos dons espirituais, visto que são muito superiores a qualquer coisa meramente humana.

O nosso conhecimento, como agora existe, bastante parcial, também cessará. Paulo está aqui, antecipando a perfeição que a segunda vinda de Cristo trará.

13:11 "Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino".

Haverá uma grande transição de uma dispensação para outra, da era presente para o estado eterno, em razão do segundo advento de Cristo. A meninice aqui, representa a era inteira da imperfeição, a nossa era presente. Não importa quão grandemente os dons sejam desenvolvidos, não importa quão elevada se torne a nossa

sabedoria e o nosso conhecimento, em comparação com o que haverá, tudo quando obtivermos agora é apenas sentimentos infantis, pensamentos infantis.

Paulo admite a imaturidade, mostra-se humilde.Não exalta o seu próprio conhecimento ou o considera completo e perfeito.

Esta vida, portanto, consiste em uma infância espiritual, e a eternidade será a idade adulta espiritual , indicando um progresso de natureza espiritual, o abandono de todas as imperfeições, o aprendizado da perfeição.

"...falava como menino..." A expressão verbal de uma criança, aqui aludida, tem por finalidade apresentar o uso das línguas, da profecia e do ensino, pois são modos pelos quais expressamos o nosso conhecimento.

"... sentia como menino..." O original grego não se refere aqui às emoções, conforme podemos compreender pela tradução. A palavra grega "phroneo" se refere à maneira de pensar. Significa formar opinião. Assim, o que é indicado "... pensar como menino..." Poderíamos também traduzir a frase por "tinha atitudes de menino". É possível que se refira aos dons espirituais da sabedoria e do conhecimento.

"...pensava como menino..." No grego temos o vocábulo "logidzomai", que significa raciocinar, considerar, calcular. Têm ênfase aqui os poderes do raciocínio desenvolvido, graduação acima do simples processo do pensamento. No entanto, até mesmo nesse estágio mais alto do pensamento, enquanto estivermos nesta era, seremos simples crianças.

Campus Universitário de Feira de Santana - BA
BIBLIOTECA

"...quando cheguei a ser homem..." Paulo não quis dizer com isso que ele mesmo chegará a posição de maturidade espiritual. Somente quando a segunda vinda de Cristo tiver lugar é que um crente atingiria o estado de maturidade espiritual.

"...desisti..." No grego encontramos o termo "katargeo" (que aqui figura

no aoristo, tempo de conjugação passada). Significa abolir, enxugar, pôr de lado, dar fim, remover, fazer cessar. Está em foco o abandono completo de tudo quanto é infantil, sua eliminação, ainda que era na qualidade de sementes, tudo isso venha florescer no estado eterno.

13:12 "Porque agora vemos como por espelho, em imagem, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido".

"... em espelho, obscuramente..." Os espelhos antigos não eram feitos de vidro. Hoje temos imagens claras e quase perfeitas. Antes, usava se metais e pedras polidas. Esses espelhos precisavam de polimento e renovação constantes, eram acompanhados de uma esponja com pedra pomes, ou havia um recipiente separado para esse abrasivo, que deveria ser usado constantemente. Corinto se tornara cidade famosa devido à manufatura desses espelhos, mas até mesmo os melhores espelhos dessa natureza produzem um reflexo obscuro e os espelhos de Corinto forneciam um quadro distorcido e embaraçado da realidade (I Cor. 1:26).

O espelho ilustra o presente estado de infantilidade, ainda que sob uma figura simbólica diferente; em outras palavras. A era presente, antes da vinda de Cristo, indicando os limites da sabedoria e do conhecimento, inerentes a esse nosso período da mortalidade.

"...obscuramente..." traduzida literalmente do grego, teríamos "como um enigma, como um quebra-cabeças", indicando como nos são dadas as revelações. Traz também o sentido: apenas uma "imagem indistinta". O mundo, na verdade, submerso

em seus pecados e ais, reflete uma imagem, um quadro extremamente distorcido de Deus, que é o objeto de todo o conhecimento espiritual. O ateísmo geralmente se fundamenta nisso. Os ateus dizem não crer na existência de Deus por vêm tantos males no mundo e não poderem reconciliar isso com o conceito de um Deus todo perfeito e todo poderoso, controlando este mundo tão mau.

"... face a face..." contrasta com "obscuramente". A expressão "face a face" indica um contato direto e imediato com o Senhor, conforme é dito acerca de Moisés (Números 12:8). Essa é uma grande revelação de Deus, em que o crente passa a conhecê-lo pessoalmente; e nenhuma doutrina mais elevada do que essa foi jamais proferida. Sabemos que o crente participará da natureza divina (II Pedro 1:4), quando for plenamente transformado segundo a imagem de Cristo, vindo a participar de suas perfeições morais (Mateus 5:48), bem como da imagem metafísica de Cristo (Romanos 8:29, II coríntios 3:18). Dessa maneira, conhecerá conforme é conhecido e vrá face a face.

"... face a face...", em contraste com o ato de olhar o próprio rosto em um espelho antigo, que só forneceria um reflexo "embaçado". Ainda que tal reflexo fora brilhante e claro, não seria tão bom como ver alguém pessoalmente face a face. É dessa maneira que o crente conhecerá a Deus, assim como Deus o conhece. Não existe esperança mais elevada do que essa, pois para conhecer a Deus é mister a nossa transformação segundo a imagem de seu Filho, mediante o que nos tornamos filhos que estão sendo conduzidos à glória. Os filhos têm a garantia de conhecer o pai. Quem não tiver chegado à perfeição não poderá ficar de pé na presença de Deus, e nem poderá vê-lo face a face. Conhecer a Deus não fala meramente de alguma visão física de sua aparência, mas da transmissão de certo elevado nível espiritual, que põe o homem em

contato com a realidade de Deus. O íntimo é tomado por tal transmissão, havendo a transformação do ser espiritual interiro, em que o indivíduo é levado à perfeição. Ao vermos Cristo como ele é, seremos transformados na sua própria imagem (II Coríntios 3:18). Essas são verdades elevadíssimas, comentadas totalmente em Romanos 8:29; Efésios 1:23/3:18; Colossenses 2:10. Esse é realmente o evangelho que em muito transcende às idéias, do perdão dos pecados e da transferência para os céus, por ocasião da morte física.

"... conheci também sou conhecido.." Ser conhecido por Jesus Deus. Esse conhecimento deve ser pleno e perfeito, em contraste com o conhecimento parcial que possuímos na era presente. E sta expressão indica o objeto desse conhecimento; assim como Deus nos conhece, também conheceremos a Deus. Todo outro conhecimento espiritual e toda outra experiência espiritual estão incorporados nesse conhecimento; pois assim como Deus é a fonte da vida inteira, assim também ele é o alvo da mesma. Isso é declarado e comentado em I Cor. 8:6. Dessa maneira se cumprirá a promessa de Jesus: "Bem aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus" (Mat. 5:8).

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

"... agora conheço em partes ..." A palavra grega aqui traduzida por "... conheço ..." não é composta, mais simples; portanto está em vista um conhecimento não necessariamente profundo, mas comum. No entanto, quando se refere a Deus, a palavra é composta com uma preposição, o que lhe dá o sentido de pleno conhecimento. A forma composta nem sempre tem uma indicação intensiva entretanto, mas certamente esse é o seu intuito, por figurar logo depois da forma simples.

"... como em espelho..." É possível que o vocábulo grego "dia", cujo sentido, primário é "através", indique aqui "por meio de", o que também era um sentido

comum dessa palavra. Mas, provavelmente, Paulo refletiu aqui o ponto de vista popular referente ao objeto como algo "por detrás" do espelho, quando se contemplava o objeto.

13:13 "Agora pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor".

Esse versículo não se refere à declaração dos gnósticos, que envolvia, quatro virtudes (a fé, o conhecimento, o amor e a esperança). Paulo mostra a existência de três grandes valores morais e espirituais, aspectos do fruto do Espírito Santo (Gl. 5:22,23), - embora a esperança não seja especificamente alistada ali; características eternas do homem redimido (I Tes. 1:3; 5:8 e Col. 1:4,5). O trecho de romanos 8:25, 26 parece indicar-nos a espiritualidade da esperança; ou em outras palavras que é através da operação do Espírito Santo de Deus, e não de algum desenvolvimento humano de alguma espécie de expectação psicológica, no mero nível humano, que a esperança se forma no coração dos remidos. A menção de uma "tríade" de valores não diminui a grandiosidade do amor. Está claro que o amor é a maior dessas virtudes; e a sua própria grandeza é ilustrada pelo fato que por maior que sejam a fé e a esperança, o amor ainda é maior.

"...fé..." (Jo. 3:16; Hb. 11:1; Gl. 5:22). A fé não consiste na crença intelectual em algum credo ou conjunto de dogmas, por mais sincera que seja essa crença. Nada se ganha por dizer que Jesus é o Senhor, Jesus é o Salvador, por proferir o nome de Deus nas orações, por afirmar que se crê no que a Bíblia diz acerca de Jesus Cristo. A verdadeira fé existe no nível da alma, e não apenas no nível emocional e intelectual. Na realidade a fé é a entrega da alma a Deus, para ser e receber tudo quanto é planejado para os remidos, na forma de transformação segundo a imagem de Cristo. A

alma, em um nível o outro de ser, talvez preexistente (conforme criam os pais alexandrinos da igreja), ou a começar pelo nascimento físico, torna-se capaz de conhecer a Cristo, de perceber o que ele é, de recebê-lo ou rejeitá-lo, numa atitude de entrega ou de recusa,

No entanto, a alma toma sua decisão com base naquilo que reconhece em Jesus Cristo, e segundo o seu desejo de assemelhar-se a Cristo ou de rejeitar o seu senhorio. Portanto, a alma escolhe. Se preferir a transformação em Cristo, o que significa o abandono do próprio "eu", ao nível da vida e do ser finais, então estará exercendo a fé. Em caso contrário, nisso consiste a incredulidade ou desobediência. Portanto, está envolvida um entrega, e não mera aceitação de certas verdades sobre Deus, sobre Cristo. Esse tipo de fé é operação do Espírito Santo, porquanto, na realidade, é o primeiro passo da conversão e da regeneração. No entanto, deve haver a cooperação da vontade humana com a vontade divina, porque o Espírito de Deus não força um homem a entrar nesses privilégios e encaminhar-se na direção de seu elevado destino. A fé consiste na ação da alma com base naquilo que ela sabe sobre Cristo e sobre suas exigências relativas ao homem, juntamente com a aceitação dessas exigências, desde o íntimo.

Tal tipo de fé é eterno, à semelhança do amor. O justo vive pela fé, agora e na vida eterna.

"A fé é a graça pela qual o homem vê a Cristo, vai até ele, se vale dele, recebe-o, depende dele e vive por meio dele". (John Gill, in loc.).

Esse "viver" por intermédio de Cristo deve necessariamente incluir a nossa transformação segundo a sua imagem, visto que esse é o alvo mesmo de toda a existência humana.

"...a esperança..." A esperança prosseguirá para sempre, mesmo depois de ser obtido o grande objetivo da fé. A esperança permanecerá para sempre porque sempre haverá novas alturas a serem atingidas. A expectação da esperança poderá vir a ser atingida, mas isso não significa que outras expectações não sejam possíveis. Jamais chegaremos a explorar até o fim tudo quanto Deus tem para nós. À semelhança do homem a esperança é eterna.

A esperança, tal como a fé é sustentada pelo amor de Deus que possibilita essa inquirição que nos sustenta em tudo.

O amor figura nas Escrituras como a maior das virtudes cristãs:

1. Porque Deus é amor, que é a maior característica do seu ser. (Jo. 4:8-16).
2. Os dons espirituais desacompanhados do amor,nada são, pois é através do amor que eles são conduzidos à sua expressão mais perfeita. O amor é a energia da fé, agora e na eternidade, bem como da esperança, posto que assegura a conquista do grande alvo. As coisas que Deus nos confere, como a fé e a esperança são realidades.
3. Considerando que a natureza divina se caracteriza pelo amor, sabemos que a imortalidade é um fato, porquanto um Deus amoroso não haveria de criar o homem, dotado de fé e de esperança, para ser reduzido a nada por ocasião da morte física. A mera sobrevivência após a morte física também não explica tudo, pois o amor de Deus exige a realidade de uma elevada inquirição espiritual, na forma de transformação segundo a imagem de Cristo. A fé e a esperança, por conseguinte, bem como todas as demais virtudes, repousam sobre o

amor de Deus, para terem valor inerente.

4. O capitulo 13 de II Coríntios salienta o amor como maior dessas virtudes cristãs, devido a sua utilidade superior. O amor é finalmente altruísta. Até mesmo a fé e a esperança podem assumir formas egoísticas, embora as coisas não devam ser assim; mas o amor jamais pode assumir tal deturpação egoística, porque o amor é a essência mesma do altruísmo.
5. O amor é a base de toda ação moral. O amor cumpre a lei inteira (Romanos 13:9 e ss.).
6. O amor em si mesmo, é a maior das virtudes espirituais (Gl 5:22), a raiz de todas as demais virtudes.
7. É comprovação de espiritualidade, baseado como está o amor sobre o novo nascimento (I João 4:7,8)

"O amor, ... é símbolo da eternidade. Apaga todo o senso dp tempo, destruindo toda a memória de um começo, e sem qualquer temor de um fim". (Madame de Stael, em Corina).

"Retire alguém o amor da vida, e será retirado todo o seu prazer". (Moliere, em Cavalheiro Burguês). O amor se assemelha ao resto da vida. Sem amor a vida perde o seu sabor.

"O amor ocupa uma posição suprema; de fato, tanto a fé como a esperança pereceriam sem o amor".(Shore, in loc.)

Sim, o amor é a maior dessas virtudes; no dizer de De Wett, (in loc.): "... contém em si mesmo a raiz das duas outras virtudes: cremos em alguém a quem amamos, e esperamos somente naquilo que amamos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certas religiões orientais afirmam que Deus é um ser imóvel engajado de tal forma na tarefa da autocontemplação que não tem tempo para se preocupar com a vida humana. Religiões pagãs exaltam como se fossem Deus as forças naturais da fertilidade e da vida sexual. O helenismo antigo e moderno concebe Deus como Sabedoria, Beleza ou Mente puras. A ciência, antiga e moderna, considera Deus como uma energia até aqui incontrolável. Os gnósticos do tempo de João diziam que sabedoria e poder vêm de Deus, mas não o amor. No paganismo, a divindade era vista como objeto de desejo místico ou erótico (eros=amor) mas do que seu sujeito.

A concepção apresentada pelo apóstolo nega tudo isso e vai mais longe do que qualquer idéia filosófica ou religiosa a respeito. João define a natureza essencial de Deus como amor eterno e imutável que governa todos os demais atributos de divindade. Dizer que Deus é amor implica que toda a sua divina atividade é realizada em, amor. Se ele governa, governa em amor. Se ele julga, julga com amor.

Essa concepção só encontra seu pleno sentido quando entendida a partir da revelação de Deus em Cristo Jesus. Somente dentro dessa revelação pode alguém dizer que Deus é amor, pois a plenitude da divindade, como ressalta Paulo em Col. 2:9, está presente em Jesus. Nem a natureza, nem a História, nem a Filosofia, nem a família podem expressar esse amor em sua essência. Só o Cristo encarnado e crucificado pode faze-lo.

O amor é muito importante para entendermos o tipo de revelação que Deus tem conosco por amor ele enviou seu Filho (João 3:16); por amor ele o entregou para (Rm.

5:8); por amor ele nos deu o se Espírito (I João 4:13). Deus é amor e tudo que ele faz tem como motivação o amor porque o amor e sua própria essência; até o ato de corrigir nossa vida, é um ato de amor (Hb.12:7-9).

Outro lado do mandamento do amor que é importante e, com muita freqüência negligenciado, é o amor ao próximo. Em I João 4:20 o escritor levanta um dilema: como pode alguém amar a seu irmão a quem vê diariamente e dizer amar a Deus, a quem não vê? Em 4:21 ele diz: "E dele temos este mandamento, que quem ama a Deus ame também a seu irmão". Podemos pensar no amor como a base sobre a qual edificamos nossos relacionamentos com Deus e com nossos semelhantes.

É interessante notar que a Bíblia não vê o amor como mero sentimentalismo - idéia corrente hoje em dia. As pessoas estão confundindo o amor co sentimento de paixão, de afeição natural.

O amor é a maior virtude cristã. É o amor que envolve entrega pessoal, que busca o bem daquele a quem ama e não os próprios interesses. É o amor que suporta todas as provas: do tempo, da distância, do infortúnio, da dor.

O amor é uma atitude de vida, deve ser uma característica de nossa vida e não apenas momentos isolados de sentimentos. O amor é tão importante para nossa vida que vem de Deus para nós em forma de mandamento e no amor se resume toda a lei (Rm. 13:10).

Viver o amor na sua plenitude é um desafio. Não é um desafio intransponível, antes é possível por que temos a presença do Espírito Santo (Rm. 5:5). O amor não é uma idéia abstrata, inatingível. O amor é fruto do Espírito Santo (Gl. 5:22,23) e está presente na vida de todo aquele que recebeu a Cristo como salvador e Senhor de sua vida.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

João coloca que não amar é característica daquele que está morto espiritualmente. Jesus não amou só de palavras, discursos, ele amou de fato e chegou à cruz pelos homens.

É fácil dizer que se ama, mas quando somos desafiados à prática do amor, ficamos devedores. A impureza que sai do coração pode contaminar a sociedade. Jesus nos mostra que pureza gera pureza. A pureza é uma atitude de espírito que se mostra na prática. Nunca somos puros perfeitamente, mas devemos buscar o alvo da perfeição que é Jesus Cristo (Fp. 3:12-14).

Que o nosso amor passe pela prova da prática.

BIBLIOGRAFIA

A Bíblia em Bytes – Jireh 1.1. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

ANDRADE, Claudionor Correa de. Dicionário Teológico. 1ª Ed. _ Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.

BUCKLAND, A. R. Dcionário Bíblico Universal. 4ª Ed. _ Deerfield, Flórida _ E.U.A.: Ed. Vida, 1991.

BROWN, Colin. O Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento. Vol. 01. Ed. Vida Nova. São Paulo, 1983.

CHAMPLIN, Russel Norman. O Novo Testamento Interpretado. Vol. 4. _ São Paulo: Ed. Milenium Distribuidora Cultural Ltda.

WILLAMS, David J. Atos. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. Ed. Vida, 1996.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA